

Um GDF com estilo

CLAUDIO LYSIAS

Um governo deve ter um estilo próprio. Não por luxo, mas por necessidade política. A maioria dos governantes de Brasília, por terem sido indicados, sempre tiveram verdadeiro horror em usar a palavra política em seus pronunciamentos, em serem considerados políticos e mesmo a serem vistos em companhia de políticos. Muito justo, às vezes. Afinal, as tarefas administrativas aqui são tantas que pouco tempo sobra para uma consideração mais ampla sobre a verdadeira importância do Governo do Distrito Federal na cena política nacional. E essa importância é enorme, com a perspectiva de ser ainda maior

nos próximos anos, principalmente depois das eleições de novembro.

Acontece que esse horror à política levou muitos governos do DF a transformar seus locais de trabalho em áridas repartições públicas, frios e tímidos centros de decisões muitas vezes equivocadas por não terem o devido tempero político, aqui entendido como filosofia e arte de tratar a coisa pública. Mas, ao que parece, encerrada ontem a série de visitas oficiais do Governador às cidades-satélites (falta uma ida extra-oficial ao Cruzeiro, onde a caravana do GDF vai encontrar um substancial elenco de reivindicações), o coronel Ornellas não parece estar disposto a

cair no mesmo erro. Pouco mais de um mês depois de empossado, seu Governo já define um estilo próprio e as visitas às cidades-satélites demonstram estar o GDF consciente de que a atividade pública, seja ela qual for, é eminentemente política, e não apenas técnica. (Aliás, um Governo não precisa se definir como eminentemente técnico, pois sua própria existência já pressupõe estar ele tecnicamente capacitado para exercer suas funções).

Senão vejamos.

Logo que assumiu o GDF, o coronel José Ornellas colocou o dedo na ferida da cidade: o sistema de transporte. Com efeito, o cidadão brasileiro que não possui automóvel é

obrigado a, diariamente, fazer uma verdadeira ginástica para chegar ao trabalho e depois voltar para casa. São inúmeros os estudos já feitos que provam estar o trabalhador brasileiro condenado a gastar mais tempo e esforço indo e voltando para o trabalho do que propriamente trabalhando. As consequências disso para o trabalhador e para o produto final de seu trabalho são imagináveis. Mas Brasília, como cidade nova e sem muitos dos problemas que paralisam cidades como o Rio e São Paulo, não tem razão em servir mal seus cidadãos, a não ser que queira dar razão à fama cunhada por muitos visitantes, que a vêem extremamente generosa para com os ricos e remediados

e infinitamente cruel em relação aos pobres, que por acaso foram os que construíram a cidade. Este fato, aliás, preocupava bastante o coronel Ornellas, mesmo antes de ser escolhido Governador.

Em sua visita ao Guará, Ornellas tocou em outro ponto importante: a necessidade de repensar as relações entre o poder central e as administrações regionais, e entre estas e a comunidade. Ou seja: a necessidade de uma maior descentralização do poder, tornando a administração mais ágil e dando às administrações regionais um maior leque de decisão. Esta medida poderá desobstruir os canais do GDF, às vezes inutilmente ocupados por

questões menores, e liberar seus executivos para questões maiores e para um verdadeiro plano político para a cidade.

Em suma: o coronel Ornellas; conforme prometeu ao tomar posse, já mostrou que possui um estilo próprio de governar. E esse estilo é eminentemente político, ao tomar uma posição clara diante dos principais problemas da cidade e de ir ao encontro das reivindicações das satélites. Se mantiver o estilo, estará se transformando num dos primeiros governadores de Brasília a perceber o alcance político de seu cargo e, conseqüentemente, a diminuir a distância entre os inúmeros problemas desta cidade nova e aberta e o Palácio do Buriti.